

UM ENSAIO ECUMÊNICO

ÉTICA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Rafael Soares de Oliveira

Parece difícil, hoje, por mais que a palavra venha sendo usada, fazer discursos éticos. Com o acúmulo de várias dimensões do pensar sobre o mundo e suas relações, os usos do que se entende por ética são vários: vão desde corolários da moral social e culturalmente estabelecida até adjetivações de atitudes de indignação. Talvez seja um legado da atomização especializada dos vários pensares.

Sem entrar num capítulo complexo da filosofia ou ciências sociais, faço uma opção. Quando me refiro à ética, preocupa-me o conjunto de valores e crenças que, ao compor uma visão de mundo, justifica e orienta práticas sociais.

Espero conseguir encontrar as pedras do rio ao tentar dialogar com as recentes concepções de desenvolvimento sustentável, (como a do *Relatório Brundtland*, por exemplo), a partir de contribuições como a de Rubem Alves sobre o desejo e a religião e as da Teologia e Economia, representadas por Julio de Santa Ana, Franz Hinkelammert, Hugo Assmann, entre outros.

Dando nome aos bois. A economia, como ciência, parece estar mais no campo da hermenêutica que da exatidão ou da tecnologia — uso aqui tecnologia para não me desviar no debate sobre ciência, a qual, mal ou bem, já sabemos nada pura. Nesse sentido cabem algumas lembranças etimológicas.

Economia é derivada de *oikonomia* (*oikos* e *nomia*). Como interpretação do significado em uso, tem-se que a atividade da *nomia* se sobrepõe à *oikos*. Esta é habitação ou, mais ampla-

O acúmulo fragmentado de várias dimensões do pensar sobre o mundo levou a que conceitos tenham muitos significados. Resgatar a visão ecumênica, o conjunto de relações entre os homens e a natureza pode apontar para a possibilidade de um (novo) paradigma no qual ambiente, desejo e transcendência sejam aspectos, em um mesmo plano, do debate sobre desenvolvimento

mente, ambiente. *Oikonomia* implica nominar, no sentido de conceituar, administrar o ambiente. É no interior das possibilidades de conhecer as leis do ambiente, ordená-las e dominá-las que se insere a economia/*oikonomia*. Segue-se que as atividades de planejamento e domínio são-lhe implícitas. Torna-se notório a partir destas afirmativas que subjaz ao fundo da *oikonomia* a visão instrumental das relações em geral.

Especificamente em relação às sociedades capitalistas (uma generalização aproximada para não fugirmos demais do Brasil), organizar, administrar, submeter o ambiente a partir das regras do planejamento são atividades supostas na *oikonomia*. Ao fundo dos problemas coloca-se a capacidade de administrar, e o Estado é, historicamente, o grande instrumento implícito. Para além do Estado está em curso a expectativa da competência ou, mais ainda, o cientificismo tecnológico, capaz de gerenciar todo o mundo circundante.

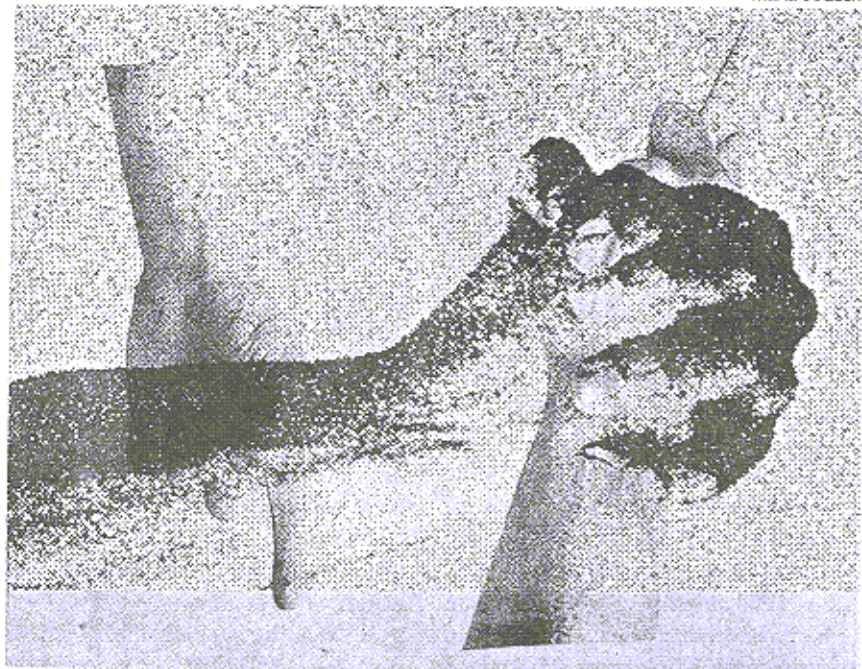
No interior do sistema hoje, abandona-se cada vez mais o Estado, valorizando-se o mercado total (como concluem os estudos sobre neoliberalismo). O amplo cadinho transmutador de todas as impossibilidades de produção do ambiente em leis metafísicas de “oferta” e “procura é, sem dúvida, o grande sagrado sociológico (diria Jú-

lio de Santa Ana) produzido no interior do sistema capitalista. Ao mercado atribuem-se qualidades a-históricas, impessoais e auto-reguladoras.

Na história percebe-se que, em nome de uma situação “pura” e “imaculada” do grande mercado metafísico e competente, muitas atrocidades se cometeram. Trata-se de não revelar, por trás do bezerro de ouro, o seu sustento: a mercantilização de tudo (ambiente, gente...). Vítimas de insaciável deus, totem de visão de mundo da *oikonomia* no sistema capitalista.

Na ética da *oikonomia* não há lugar para o vazio. Em seu lugar é posta a “ausência de”, como o “ainda-não transformado em produto”. Assim, o tempo é espera do desenvolvimento científico-tecnológico, que gestará as mercadorias que vão ocupar o vazio. Nessa lógica não há lugar para o impossível ou não-controlável. O preço ambiental ou humano não será medido até que o ídolo sagrado do mercado seja capaz de “ofertar” o “procurado”. Ou ainda para alguns, até que o Estado gerencie a “oferta” do “procurado”. É donde surge como corolário o desenvolvimentismo ou o paradigma do desenvolvimento como utopia histórica.

Submersa e justificadora de tudo está a razão instrumentalizadora ou instrumental. Atingir um estado de desenvolvimento é necessário à lógica que pretende nominar, dominar, regu-



lar e submeter o ambiente. Tudo torna-se uma questão de tempo: tempo do desenvolvimento tecnológico. Postulado inquestionável da alienação do hoje, momento oportuno para o gozo da vida.

O grande útero. De modo crítico a toda pretensão tecnológico-científica, suportada pelo foco no sujeito que organiza e domina as relações com o ambiente (a *oikologia*), situa-se a ética ecológica.

Brincando outra vez com a etimologia, temos a possibilidade de ler ecologia como *oikologia*. Sobre o mesmo radical *oikos* de *oikonomia*, a ecologia supõe uma inversão de posições, prioridades. Não se trata mais de dar nome ao ambiente, mas de aprender dele. A natureza assume papel superior nas possibilidades de ordenação da vida. O antropocentrismo é abandonado. O humano é localizado na humilde posição de um entre os seres viventes e subjugado à busca da harmonia com as possibilidades da natureza.

Oikologia é, eticamente, o aprender a lógica do ambiente, o grande útero de possibilidades da vida no planeta.

Quando se fala de evolução na ética da *oikologia*, trata-se do ideal da grande adaptação às leis reguladoras do equilíbrio natural. Para muitos tal equilíbrio e leis assumem caráter metafísico, na linha de um sagrado socio-

lógico. Explico. A auto-regulação da natureza de ambiente se dá por processos autônomos de ajuste. A sacralização ocorre quando se nega a história humana e admite-se a naturalização de tudo. Friso que tal sacralização não é genérica no interior da ética *oikológica*.

Falar, por sua vez, de desenvolvimento no interior da ética *oikológica* parece uma contradição. O paradigma ecológico não é o domínio do ambiente, mas a adaptação a ele. Se, de modo radical, se estabelece o ponto de referência na ética *oikológica*, desenvolvimento é um termo inaceitável. O único grande critério ou categoria de movimento e tempo seria a evolução.

Também no interior da ética *oikológica*, o enunciado do vazio está submetido ao tempo, este conotado como tempo do desvio ou não-adaptação. A mediação para o vazio é de novo a "ausência de", tomada como um retorno adaptativo à situação de equilíbrio. É a utopia histórica da integração ao grande útero provedor da vida.

A fronteira. Seria dicotômico pensar que duas éticas coetâneas, na história do Ocidente, não se interferissem mutuamente. O enfrentamento é amplo e várias totalizações são tentadas.

Como exemplos ouvimos ecosocialismos, insatisfeitos com o abandono do antropocentrismo, que para muitos chegou a um abandono do humano.

Ou ainda ecocapitalismos, assustados com a roda destrutiva da lógica do mercado. E outras posições mais ou menos contrastantes.

Mas parece que, no jogo geral das apropriações adjetivas em favor de novas sínteses substantivas, não estão em curso totalidades alternativas ou criadoras. No que tange a alguns temas o que sinto é a permanência dos discursos sob uma visão de mundo, fazendo concessões a outra. Aqui situaria o conceito de "desenvolvimento sustentável". Gestado como categoria ideológica genérica, parece mais uma representação de correlação de forças.

Concessão insustentável. Como engrenagem básica ou peça fundamental do tabuleiro de uma visão de mundo (ao que, lembre-se, convencionei chamar de ética), há várias categorias. A de "desenvolvimento sustentável" não compõe tal perfil. Trata-se de uma categoria de fronteira ideológica, e não é conteúdo próprio ao continente nem da *oikonomia* e muito menos da *oikologia*.

Do ponto de vista *oikológico*, fazer as pazes com a categoria "desenvolvimento" é uma grande concessão. Estabelecimento de uma contradição que se tenta superar na forma de apropriação do termo "desenvolvimento sustentável".

E assim, no interior da ética *oikológica*, o lado sustentável é realçado. Ao se captarem os usos, percebe-se que na base está a visão adaptativa, a qual procura entender o desenvolvimento como caminho ao encontro de uma situação equilibrada. Não há novidades, mas uma atribuição de conteúdo evolutivo adaptativo ao desenvolvimento.

Para a *oikonomia* trata-se de outra concessão. No entanto, comparadas as concessões, parece que isso, para a ética da *oikonomia*, não se dá no interior de uma contradição. Trata-se mais do reconhecimento de um impeditivo catastrófico para o desenvolvimento, mantendo-se inabalada a visão de mundo. Para a adequação o que se faz



O conceito de desenvolvimento sustentável, gestado como categoria ideológica genérica, parece mais uma representação de correlação de forças

necessário é uma desaceleração cronológica. Mas ainda permanecem intactas as noções de competência e mercado. O "desenvolvimento sustentável" torna-se critério de competência para a geração de "ofertas" ao que é "procurado". Com ele criticam-se governos, tecnologias, etc, pois na ética da *oikonomia* não se pode administrar o ambiente de modo incompetente ou, agora se diria, insustentável. Em suma: a razão instrumental não pode capitular diante da impossibilidade de instrumentalização.

Entre as concessões, a *oikológica* — na aceitação do conceito de desenvolvimento — é mais grave, pois abre um flanco incontrolado à sua própria solidez interna. Praticamente estabelece um diálogo com a *oikonomia* subordinando-se, ou seja, velhas práticas desenvolvimentistas podem ser lidas como sustentáveis. No discurso se fala de "sustentável" e a prática é desenvolvimentista, e com isso perde-se a força ética. Perde-se a *oikologia*, a força de uma visão de mundo orientada e orientadora da prática, sendo consumida como uma categoria da fronteira concedida. O patamar ético é abandonado ou desqualificado.

Por uma aproximação ecumênica. O difícil caminho de observação de outros interlocutores, percorrido até aqui, está marcado pela experiência pessoal. Integrante de um movimento não necessariamente ecológico, vi-me arrebatado ao diálogo. Refiro-me ao movimento ecumênico.

Aqui busco expressar uma aproximação ética, pois considero ecumenismo, antes de tudo, uma visão de mun-

do. Seguindo a mesma estratégia até aqui, começo com o jogo etimológico. Ecumenismo vem de *oikoumene*. Originária do mesmo radical que as outras éticas a que me referi, a palavra vem sendo traduzida em geral como "todo o mundo habitado", o que supõe a interação entre ambiente e cultura. No entanto, há outros significados implícitos mais amplos. *Oikos* é ambiente em sentido geral, mas o significado para *meno* é amplo. Entre as muitas significações destacam-se esperar, esperar de "pé firme", desejar.

O convívio conceitual de tantos sentidos suscita um significado último extenso. A visão de mundo da *oikoumene* é a síntese de ambiente/desejo/espera obstinada. Para além de conceber o mundo a partir da capacidade humana de controlá-lo, administrá-lo (*oikos/nomia*), na *oikoumene* se anuncia o desejo. O mundo ou o ambiente não é aquele das relações possíveis da produção de sua administração e verificação de leis de controle. Mesmo que dada essa situação, a *oikoumene*, ao aproximar-se da *oikonomia*, anuncia a ausência para além das relações possíveis. É a evocação de relações desejadas.

Outra aproximação entre partes estabelece-se com aqueles que procuram identificar a harmonia no *oikos*, no ambiente. Conceber o mundo como um aprendizado adaptativo do ambiente, na direção de adequar o humano à lógica do ambiente, o qual também gera a própria humanidade, é a ética da *oikologia*. Para a *oikoumene* o anúncio do desejo estabelece-se outra vez. É a indicação de que no ambiente e sua lógica há vazios. Os desejos humanos não são representados no ambiente. Para a realização da *oikoumene* aprender do *oikos* é etapa, mas não totalidade de sentido.

Olhar o mundo com óculos ecumênicos supõe a conexão com a transcen-

dência. Extraíndo as consequências do sentido de esperar de "pé firme" se diria: esperar contra toda a desesperança. É uma descrição geral da *oikoumene* seria: "esperar, contra toda desesperança, que o ambiente dado e ordenado venha a tornar-se aquele ainda desejado".

Nessa perspectiva é evidente que em tudo se pressupõe o humano, portador privilegiado do desejo. Sabe-se que o desejo não é matéria a-histórica, mas cultural. O anúncio e escuta de desejos é um intercâmbio plural necessário à *oikoumene*.

No entanto, para além de objetivar os desejos em "oferta" e "procura" ou em expectativa da sabedoria natural, são eles que a tudo subordinam.

Povos, tecnologias, natureza são componentes inseparáveis do lugar para onde se dirigem e de onde se projetam os desejos. Estes, impossibilitados que estão de se tornarem históricos, passam a ser horizonte utópico e escatológico — elaborado e representado simbolicamente na história das culturas.

Não caberia uma adequação ecumênica do termo "desenvolvimento sustentável". Se não por outros motivos já citados (por exemplo, o fato de a *oikoumene* não estar no centro da disputa e nas correlações de força), ao menos, como crítica a um conceito que pretende apaziguar ânimos, anunciando as possibilidades, mesmo que cronologicamente tardem, de realização científico-tecnológica do existir no planeta.

Tecnologia científica não supõe povos, mas divisão de trabalho, de mercadoria e troca de competência. Para a *oikoumene* é necessário, a fim de pensar, falar e almejar o futuro, que se troquem sonhos onde e por quem os produziu. Resultantes irretorquíveis de todas as ausências: de qualidade de vida, de justiça, de igualdade e fraternidade.

Rafael Soares de Oliveira é cientista político e integra o Programa de Assessoria à Pastoral do CEDI.